



RASTREAMENTO DO CÂNCER DE COLO DO ÚTERO NA POPULAÇÃO LGBTQIA+: RECOMENDAÇÕES E BARREIRAS AO ACESSO

JULIA MATSURA TELES COSTA; MARINA FISTAROL; DOMINIQUE FONSECA
RODRIGUES LACET; FABYOLA JORGE CRUZ

Introdução: O rastreamento do câncer de colo uterino é essencial para a prevenção e detecção precoce desta neoplasia, entretanto, a população LGBTQIA+ enfrenta barreiras para acessá-lo. A falta de diretrizes específicas para essa população e a ausência de menção nas diretrizes nacionais evidenciam a necessidade de uma análise sobre os obstáculos enfrentados por essas comunidades. **Objetivos:** Explorar a literatura a respeito do rastreamento do câncer de colo uterino na população LGBTQIA+ e as barreiras enfrentadas por essa comunidade no acesso a este cuidado. **Metodologia:** Esta revisão narrativa da literatura baseou-se em uma seleção de artigos obtidos nas bases de dados PubMed, BVS e Lilacs. Os artigos incluídos foram publicados entre 2019 e 2024 e utilizaram metodologias variadas, incluindo revisões de escopo, estudos transversais e pesquisas qualitativas. **Resultados:** Existem diversas barreiras enfrentadas pela população LGBTQIA+ no rastreamento do câncer de colo uterino, como a necessidade de serviços de saúde adaptados, desconforto com exames ginecológicos e discriminação. Um estudo transversal no Reino Unido mostrou que apenas 58% dos homens trans e pessoas não binárias elegíveis para o rastreamento haviam realizado o exame e destacou a falta de informação e o desejo por opções de auto-esfregaço. Um estudo contemplando mulheres lésbicas em Israel mostrou que 22% delas já haviam sido submetidas a coleta de citologia cervicovaginal. As diretrizes atuais são insuficientes, evidenciando a necessidade de abordagens específicas baseadas na anatomia e nos comportamentos específicos da população LGBTQIA+. No Brasil, a recomendação vigente é que, para essa população, seja seguida a mesma orientação do Ministério da Saúde para rastreio em mulheres cis heterossexuais. São incluídas pessoas com útero, com mais de 25 anos, que já tiveram contato sexual. Levando em consideração características anatômicas e de comportamento sexual, deve-se oferecer a possibilidade de estrogenização da vagina prévia à coleta e uso do menor espécuro vaginal possível. **Conclusão:** Há uma série de barreiras significativas ao rastreamento do câncer de colo uterino na população LGBTQIA+. Para melhorar o acesso e a adesão ao rastreamento, é fundamental desenvolver políticas e práticas de saúde que reconheçam e acomodem as necessidades únicas dessas comunidades

Palavras-chave: CÂNCER DE COLO DO ÚTERO; LGBTQIA+; RASTREAMENTO;
RECOMENDAÇÕES; BARREIRAS